

**DEBAIXO  
DE  
ALGUM  
CÉU**

Prémio LeYa 2012

**NUNO  
CAMARNEIRO**



# 25 de Dezembro

*On ne pense pas assez aux escaliers.  
Rien n'est plus beau dans les maisons anciennes que les escaliers.  
Rien n'est plus laid, plus froid, plus hostile, plus mesquin,  
dans les immeubles d'aujourd'hui.  
On devrait apprendre à vivre davantage dans les escaliers.  
Mais comment?*

GEORGES PEREC



## A voz do narrador

A história começa no dia de Natal. Cristo nascido na memória dos homens e os corpos dormentes a ruminarem uma alegria ténue. No prédio há uma criança que brinca sozinha com as figuras do presépio tornadas super-heróis. Como muitos homens, as crianças não distinguem os poderes divinos dos da fantasia.

No terceiro esquerdo mora o padre Daniel. De manhã disse missa e voltou para casa com meio frango num *Tupperware*. Foi um presente caseiro de uma paroquiana caridosa. Daniel acendeu o forno e espera sentado pelo crepitar do bicho.

A paróquia é pequena mas devota, como são quase todas as terras onde os homens morrem só de ganhar a vida. Um contrato antigo exige a exclusividade de um padre, e Daniel foi para ali mandado à espera de maiores voos.

Foi a sua primeira missa de Natal, um desafio grande para um padre jovem. Que mais dizer de tanto que já se sabe, ou se acredita saber? Cristo já veio à terra demasiadas vezes para que crie espanto, há que apurar a prosa do sermão, agarrar na fé dispersa e dar-lhe um caminho a direito.

*No princípio era o Verbo  
e o Verbo estava com Deus  
e o Verbo era Deus.  
No princípio, Ele estava com Deus.  
Tudo se fez por meio d'Ele,  
e sem Ele nada foi feito.  
N'Ele estava a vida,  
e a vida era a luz dos homens.  
A luz brilha nas trevas,  
e as trevas não a receberam.*

Um padre tão novo e um mistério tão grande para explicar. Daniel falou aos paroquianos com o modo seguro que aprendeu, o corpo direito mas humilde, as palmas das mãos voltadas para baixo, os gestos largos e claros, a voz íntima, sabedora do segredo mas espantada com o divino:

*A história do homem precede o homem, a história do mundo precede o mundo e escreveu-se pela vontade de um Deus misericordioso. O Verbo é a vontade de Deus, que nos deu a vida e tudo o que temos. Em cada dia, em cada momento, devemos dar-Lhe graças e celebrar a dádiva como se acabássemos de nascer.*

O frango está pronto, Daniel abre uma garrafa de vinho e senta-se para comer. A carne que tem no prato é o resultado de uma troca, a santidade por um animal, as palavras de Deus por uma das suas criaturas. Que a paroquiana se eleve e ele mate a fome.

Da varanda da sala vê-se o mar agitado, esse não respeita os dias santos. Enquanto come, o pensamento perde-se lá fora e o calor no estômago contrasta com o frio que lhe entra pelos olhos. É um momento sereno e solitário. Quando se sente saciado, bebe o vinho que lhe resta no copo e levanta-se para

limpar a mesa. Nesse instante toca a campainha e qualquer coisa estremece.

No terceiro direito não vive ninguém. A história da ausência é longa e difícil e a seu tempo será contada. O apartamento está mobilado, a cozinha equipada e os armários guardam ainda roupas de um homem e de uma mulher. Há um quarto com uma cama de casal e um outro pensado para um filho que não chegou a nascer. Que já não vai nascer.

Há quase um ano que ninguém entra no apartamento e ninguém no prédio tem a chave. As plantas estão secas, são fósseis que contam uma história de abandono, vidas que dali saíram e não voltaram.

Há ainda vestígios de uma felicidade que se dissipou no tempo: filmes empilhados ao lado da televisão, jogos de tabuleiro, um avental com uma frase humorística, algumas fotos penduradas, revistas de moda ao lado de revistas de pesca, objectos que pertencem agora ao mesmo reino das plantas que secaram.

Todo o segundo andar é ocupado por uma única família. Uma família quadrangular de pai, mãe, filho e filha. Bernardino, casado com Manuela, pais do Frederico e da Joana.

Bernardino trabalha num banco como sub-gerente. Espera ainda chegar a gerente antes da idade da reforma e talvez o consiga. Casou-se tarde com Manuela, depois da guerra, depois da universidade, depois de alguns enganar.

Bernardino gosta de filmes de *cowboys*, de cozido à portuguesa, de *whisky* de malte e de olhar para o mar durante muito tempo. Não é o tipo de homem que questione a sua felicidade e por isso não tem respostas.

Depois do almoço, levou os sogros à terra e, ao voltar, sentou-se no sofá para dormir em frente da televisão. Os intervalos de

publicidade sobressaltam-lhe o sono e enchem-lhe os sonhos de música alegre e vozes históricas.

Manuela está na cozinha. É uma mulher bonita com rugas nos sítios certos. É doze anos mais nova do que o marido e dá aulas de Inglês numa escola secundária.

Manuela pergunta-se por vezes se é feliz e habituou-se a responder com um sim. Tem dois filhos que ama e um marido que respeita e em quem arrumou uma necessidade de solidez que lhe vem da juventude.

Quando era rapariga e as amigas falavam do que queriam ser, Manuela ficava calada e a pensar em branco. Mais tarde, ao lembrar-se das conversas, chorava no quarto sem saber porquê. Com a idade, o choro foi-se tornando mais frequente e chegava também pela manhã, sem que tivesse de recordar conversas. Quando conheceu Bernardino, deixou de chorar e poucos meses depois casou-se com ele.

Bernardino e Manuela vivem pouco e não se importam. Os seus dias são só como dias, uns de trabalho, outros de pequenos passeios, compras no centro comercial, cinema duas vezes por ano, dias assim.

Às vezes fazem amor, não muitas. É sempre ele quem começa, quando bebe um pouco mais ou depois de um filme atrevido, quando ela estreia um vestido curto e ele se lembra de repente de que é um homem e ela uma mulher. Bernardino adormece logo a seguir e Manuela fica feliz acordada.

Frederico tem oito anos e fala pouco. Passa horas sozinho com os brinquedos ou a desenhar num caderno. Gosta de fazer cavalos e homens com espadas, mas nunca os junta. Uns são desenhos de guerra, outros não.

Frederico vive num mundo próprio, como se desenhasse para dentro tudo o que vê: os pais, a irmã, a professora, os colegas da escola, os pássaros no céu, as nuvens, o mar. São traços feitos



na cabeça e coloridos de olhos fechados. Depois inventa-lhes histórias que às vezes acontecem.

Quando há surpresas na vida de Frederico, coisas grandes que não sabe entender, fica confuso e sente qualquer coisa a arder por dentro, uma fúria de ar quente que cresce até lhe levar a razão. Os pais dizem que é dos nervos, que é muito sensível, mas ele sabe que a culpa é das histórias, porque foram por onde não deviam ter ido.

A irmã costuma troçar dele, chama-lhe nomes e diz-lhe que é maluco, tenta até provocá-lo para o ver fora de si e se rir ainda mais.

Frederico conhece-a bem e, nas suas histórias, ela faz de má e morre sempre antes do final.

Joana não é má, mas é adolescente. Tem quinze anos e mamãs que crescem. De Inverno odeia viver ali, porque as ruas estão vazias, porque não vê os amigos, porque o vento lhe desarruma os cabelos.

Joana estuda vagamente para uma carreira na saúde, quer ser médica mas contenta-se com a ideia de vir a ser enfermeira. Os seus amigos vivem na cidade, ela fala com eles durante horas ao telefone e pela Internet e, quando os pais batem à porta, abre o processador de texto e finge trabalhar.

Tem um colega que também vive na praia, é um rapaz estranho que evita sempre que pode, mas que é bom aluno e, quando se aproximam os testes, Joana vai estudar com ele e partilham apontamentos.

Joana já deu beijos pequenos em rapazes e raparigas, mas nunca teve um namorado.

No primeiro direito vive Margarida sem ninguém. É uma mulher de ar distinto e de outro tempo, afável mas distante. No prédio sabem que é viúva e que tem um gato, pouco mais.

Margarida foi casada com um engenheiro holandês que desenhava barcos. Foram apresentados na festa de baptismo do *Santa Isabel*. Ela ficou impressionada com o loiro dos cabelos e com o corpo forte que enchia o *smoking*, ele achou-a exótica, os cabelos tão negros, os olhos tão curiosos.

Nessa noite dançaram e imaginaram-se juntos. Ao despedirem-se, ele beijou-lhe a mão e convidou-a para um passeio de automóvel na semana seguinte. Ela deu-lhe uma resposta vaga mas deixou-lhe a morada, e depois foi para casa a sorrir.

Levaram juntos uma vida reservada. Ele entregue ao trabalho e aos livros, ela entregue a ele. A casa não mudou desde a sua morte, os mapas antigos, os móveis indonésios que trouxe das viagens, os muitos livros que ela não leu nem há-de ler. Durante os primeiros anos de viuvez, Margarida imaginou-o nesses livros, um pouco em cada página. As palavras doces na poesia, a mente racional nos tratados e nos manuais, o que não viveu nos romances russos de que ele tanto gostava. Abria os livros e tocava as páginas com os dedos e com os olhos, sem ler, sem nunca ler para que os mistérios do homem que amou não lhe fugissem. Um dia cansou-se dos livros e procurou um gato louro de olhos claros, deu-lhe o nome dele e também os seus segredos.

Adriano e Constança tiveram uma menina que se chama Diana. Ocupam o primeiro esquerdo e o choro que se ouve em todo o prédio chega-lhes a eles com mais força, uma força gritada que gera tensões e palavras mal ditas que atiram um ao outro.

A véspera de Natal foi passada a três, a Adriano não lhe apreciavam festas e esperou que os pais e os sogros fossem convidados por irmãos e cunhados para lançar o seu convite já fora de tempo. Talvez para o ano então, de qualquer maneira, com a menina... e jantaram os dois, com o bebé que dormia e não

dormia, um prato único feito por Constança que Adriano não agradeceu.

Chegou tarde do trabalho, do maldito trabalho, o bacalhau no forno já frio e ele sem chegar. A mãe de volta da menina, o rumor de outras vozes chegando das paredes e Constança a esperar, como sempre espera, do trabalho um homem irritado e tenso, um homem sempre mais assim, ano após ano, e nem com a menina, pior ainda com a menina.

Jantaram e beberam, ela pôs a música muito baixo, Para que a menina... pediu-lhe uma dança, beijou-lhe a nuca, pediu de novo e puxou-o, e ele foi, encostaram-se e dançaram em silêncio como se estivessem longe, e estavam. A menina acordou e foi melhor assim, ela deu-lhe de mamar e ele sentou-se e bebeu virado para dentro.

De manhã, Constança acordou alarmada com o silêncio, sozinha no quarto. Calçou os chinelos à pressa e foi até à sala onde Adriano estava com a menina ao colo em frente ao mar da varanda. Num instinto chegou-se a eles e agarrou Diana, puxando-a para si como se a devesse salvar. Uma breve troca de olhares entre ela e Adriano, é a minha menina, pensou, só eu lhe sei cantar.

Ele sentou-se no sofá e ficou a vê-las e a ouvir, um estranho de tudo aquilo, olhando de fora para o que deveria ser seu.

Nesta manhã estão três pessoas na praia. Um casal jovem que se beija num banco de madeira e um homem que caminha com o passo lento e pesado. É ele que interessa porque pertence ao prédio, porque é uma parte importante do prédio.

Chama-se Marco Moço, por nome uma alcunha que resistiu e ficou. Um moço de muitos anos que a cada dia chega à praia com o sol e a percorre como se fizesse uma vistoria. Conhece-lhe as enseadas e as dunas, os humores e o que lhe é estranho.

Pertence à praia como uma gaivota, cruzam ambos as marcas na areia e espantam-se juntos, animais de maré. Marco Moço regista a cada dia o que o mar trouxe à praia, o lixo que por lá deixou, o que não quis.

Um pedaço de corda azul, um búzio, algumas garrafas de plástico, dois caranguejos, uma bóia de pescador e um sapato de mulher. Moço recolhe o pedaço de corda, o búzio e o sapato. Há coisas que lhe servem a ele e a mais ninguém porque tem uma ideia a crescer na cave.

Moço passa pelo casal e esforça-se por não pensar, por não recordar, por nada. Passa por eles pisando as pegadas que o levaram, metendo os pés da volta nos ocos da ida.

Vem frio do Norte, um vento de tempestade anunciada. Ele conhece o cheiro da tormenta, um ar carregado de electricidade e de violências por cumprir.

Constança segue da janela os passos de Moço. Enternece-se com o vagar que destoa do que o rodeia. É tudo ligeiro e veloz à volta daquele homem, a areia que voa, os pássaros, as sombras de nuvens a correr.

O inquilino que falta é o que mais se esconde. No rés-do-chão esquerdo tem os olhos no monitor e as mãos assentes no teclado. O Natal chegou-lhe no correio electrónico enviado por amigos vagos e antigos, colegas de copos e de faculdade. Saudações de época, ele por entre tantos na lista dos destinatários. Pelo meio o endereço fechado de um que já morreu. Lembrar-se-á da palavra-chave do outro lado da vida? Que palavras levaremos para onde vamos?

David sente um desejo súbito de enviar uma mensagem para o endereço devoluto, nunca se sabe, deve ser aborrecida a morte sem vivos que nos escrevam.

A ceia da véspera foi só um jantar como outros. Por entre as ruas apagadas de gente, a luz vermelha com letras amarelas de um restaurante chinês. Os chineses não são cristãos, mas dão de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede.

David sentou-se sem ninguém que o distraísse dos dragões loucos nos painéis e nas fontes iluminadas. Os restaurantes chineses são muito parecidos com os delírios de um ocidental, como serão os sonhos dos asiáticos? Talvez se assustem com homens pregados em cruzes e pombas que reluzem, talvez tremam ao imaginar mulheres que engravidam de deuses.

David voltou para casa, abriu uma garrafa de vinho, acendeu o fogo e deitou-se a ter ideias. Vive de inventar gente, pagam-lhe para desenhar pessoas que ainda não existem. Tem um computador cheio delas, e não chegam porque lhe encomendaram uma multidão.

A empresa que o contratou chama-se PORVIR® e o modelo de negócio assenta numa estratégia futurista. O fundador da empresa é um pioneiro da inteligência artificial e propôs-se criar uma base de dados com pessoas virtuais que possam ser vendidas ou alugadas daqui por alguns anos. Trabalhadores virtuais, público, clientes, companheiros, artistas, apresentadores, pessoas dispostas a qualquer coisa, em tudo iguais às reais e sem a desvantagem de um corpo.

O trabalho de David, como o de outros funcionários que trabalham a partir de casa, é o de dar-lhes um rosto e um nome, um carácter, personalidade, um passado, gostos, competências e idiossincrasias. Uma extensa ficha é preparada para cada pessoa, o resto é feito por uma enorme rede de computadores e por um *software* sofisticado desenvolvido pelo fundador. A sua estimativa é a de que dentro de cinco anos esteja tudo preparado para que a empresa comece a vender os seus serviços.

Milhares de indivíduos dispostos a trabalhar de graça, em centrais de atendimento telefónico, canais de televisão, escritórios, escolas. Num mundo digital há poucas profissões que exijam verdadeiramente um corpo de carne e osso e a PORVIR® terá uma nova geração de escravos que não precisam de ser alimentados nem do estalar de um chicote.

David não se orgulha do trabalho que faz, mas pagam-lhe o suficiente para que não pense muito. As questões morais, os seus princípios, somados e depositados cada mês na sua conta. Contudo, há partes fundas que não sabem fazer as contas, e uma sombra negra do futuro visita-o em sonhos e traz-lhe angústias pela manhã.

É este o prédio e quem lá vive. Faltam as linhas que ligam cada um dos moradores aos restantes. Algumas são sólidas e de sangue, ligam pais a filhos e irmãos a irmãs. Outras são do coração e têm dias bons e outros maus, da paixão ao ódio, com longas passagens pelo tédio.

Há depois linhas ténues e tracejadas, os bons-dias no corredor, ramos de salsa providenciais, uma torneira que pinga, uma garrafa pelo Natal. Do sangue para fora é quase tudo uma questão de serviço, pessoas que dão para mais tarde poderem cobrar. Os sorrisos são máscaras simpáticas, como os presentes, os beijos ou o sexo. O pragmatismo foi inventado antes do prédio, pratica-se aqui como em qualquer lado, são só homens e mulheres com vidas às costas.

Marco Moço regressa da praia e Bernardino sai para levar o lixo. Dão as boas-festas e um aperto de mão. Pela porta aberta estremece um com o frio enquanto o outro reencontra o calor. Procuram com os olhos algo mais para dizer e Bernardino comenta o búzio e o sapato nas mãos de Moço.

- Uns trazem o lixo e outros vão buscá-lo.
- O que a uns sobra a outros faz falta, não é assim?
- O senhor Moço tem aí mistério...
- Sou homem, doutor Bernardino, sou homem e dos velhos. Os mistérios crescem-me na pele como musgo pelas casas velhas, já nem eu sei o que é meu e o que trago agarrado.
- Ó homem, isso é muita filosofia para mim, ainda para mais a esta hora, olhe que as manhãs não se fizeram para pensar.
- Riem-se e vão à vida; quando a porta se fecha já as ideias estão apontadas a outros lugares.

O prédio, como outros, tem sons e movimentos próprios de um organismo. Uma janela que bate, vozes que viajam pelos canos, o estalar de madeiras que se adaptam ao tempo, os talheres nos pratos à hora das refeições, os autoclismos, música que atravessa as paredes perdendo sons e ganhando outros, o motor do elevador cansado de carregar gente.

Quando o elevador se põe em movimento, há quem se agite com ele. David por vezes não resiste e, quando o som baixa, vai até à porta e espreita pelo óculo a ver quem vem. É sempre alguém e ele precisa de ver pessoas para se lembrar de como são.

Quando o elevador sobe, Margarida sente num lugar passado o som do marido a regressar a casa. A sensação perdurou para além da morte e da ausência. As suas entranhas nunca receberam a notícia e apertam-se como se o esperassem, preparando-a para o estalar de uma fechadura que já só se abre pela sua própria mão.

O elevador levou alguém até ao padre Daniel. Ele ouviu-o parar no seu piso, depois três passos que se aproximam, alguns segundos de silêncio e a campainha a chamar por ele. Muitas ideias rápidas pela cabeça, algumas imagens fortes e o coração acelerado.

Daniel abre a porta e olha desconcertado para a mulher à sua frente, tenta sorrir, mas da boca só o nome dela numa expiração. Dois corpos que se conheceram e que agora não se sabem comportar. Um abraço atrapalhado, ele tão pouco padre nas calças de ganga e na camisola de lã. Ela dá-lhe um beijo e o perfume sobe-lhe pelas narinas pouco habituadas, deixando-o sem ordem em nada.

Entram em casa, sentam-se e olham-se, o som do vento nos vidros, ela tão branca e cansada, frágeis os dois comovidos pelos olhos.

Joana fechou-se no quarto e dança sozinha a imitar uma cantora que viu num teledisco. Há coisas complicadas que se movem ao mesmo tempo dentro e fora dela. É demasiada energia sem um destino, e ela dança para queimar o que não conhece. Olha-se ao espelho com o corpo a mexer e nada interessa que ali não esteja, o ritmo diz-lhe por onde arder, só o ritmo tem respostas.

O irmão desenha um cavalo por cima das ondas. Um cavalo que corre depressa não se pode afundar e há-de chegar à América e ser o cavalo mais belo e mais admirado por vir de longe tão veloz. É difícil a cor do cavalo, porque deve ser única mas possível nos lápis que tem à frente. Um cavalo preto, uma sombra escura, sombra de outros cavalos vinda do céu em raios, coisa admirável e linda, quem não se espantaria?

O Sol põe-se a horas. No prédio aceita-se a noite com as tristezas que lhe pertencem. Os pés enterram-se nas mantas e as almas onde couberem. Um silêncio como pássaros que não cantam. Acendem-se as luzes e aquece-se água para o chá.

Às sete horas e alguns minutos um murmúrio percorre o prédio. Um som que pode ser humano mas também outra coisa. Um som vencido de algo que chegou ao fim e não pode nem



deve recomeçar. Uma frequência que diminui e se faz grave, como os motores de um avião poisado, ou o cansaço após um grito.

Às oito horas uma boa parte dos inquilinos está em frente da televisão. As notícias mostram o Natal pelo mundo, missas, ceias, pobres, compras, cantigas e presépios. Gente famosa e contente, políticos, cantores, jogadores da bola, apresentadores, actores, têm barretes nas cabeças e estão contentes com o mundo. Depois a guerra e uma catástrofe mais ou menos natural que aconteceu longe a gente esquisita. Coitados, logo no Natal.

No segundo andar, Manuela leva a comida para a mesa. O marido e os filhos olham para o ecrã, restos do almoço e verduras à parte. Ninguém se lembra de nada para dizer, lançam-se alguns comentários às notícias e come-se sem mais. Joana canta por entre as garfadas, o pai implica, o irmão não diz nada, Manuela não come porque não tem fome.

